

Sólidos: índices crescentes no leite da Nova Zelândia

Em 2000, a produção de gordura e proteína do leite neozelandês somou 1,096 bilhão de kg, enquanto em 2019 bateu em 1,884 bilhão de kg, com aumentos anuais constantes.

José Luiz Bellini Leite, Lorildo Aldo Stock e João César Resende

A produção mundial de leite, em 2020, foi estimada em 532,3 milhões de t, aumento de 1,5% frente a 2019, sendo a Nova Zelândia o sétimo maior produtor, segundo o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e também um dos maiores países exportadores de lácteos. Tal desempenho está estreitamente vinculado à sua também reconhecida eficiência na produção de leite, ao oferecer produtos competitivos em preço e qualidade.

A exemplo do que vem ocorrendo no mundo, na Nova Zelândia há também diminuição do número de propriedades leiteiras. De 2000 a 2019, houve redução de 18%, saindo de 13.892 fazendas, em 2000, para 11.372, em 2019. Também os sistemas de produção de leite ganharam escala e produtividade. Houve crescimento de 73% do tamanho médio dos rebanhos, passando de 251 vacas (2000) para 435 (2019).

Os rebanhos são formados, principalmente, por

animais da raça Holandesa (33,1%) e seu cruzamento com Jersey, a raça Jersolando (48,5%). A produtividade das vacas saltou de 3.708 litros de média, em 2000, para 4.289, em 2019: incremento de 16%. A figura 1 mostra a redução do número de propriedades leiteiras e o aumento da produtividade e do rebanho médio, tendo como ano base 2000/2001.

Outra questão evidente é o aumento substantivo da produção de leite. Em 2000, o país produziu 12,9 bilhões de litros de leite e, em 2019, chegou a 21,2 bilhões, aumento de 64%. Esse aumento é consistente ao longo do período citado, havendo pequenos recuos na produção apenas por influência das condições climáticas pouco favoráveis (seca), que eventualmente ocorrem na ilha. A produção por lá é toda praticamente a pasto, o que deixa as propriedades não dotadas de irrigação mais vulneráveis.



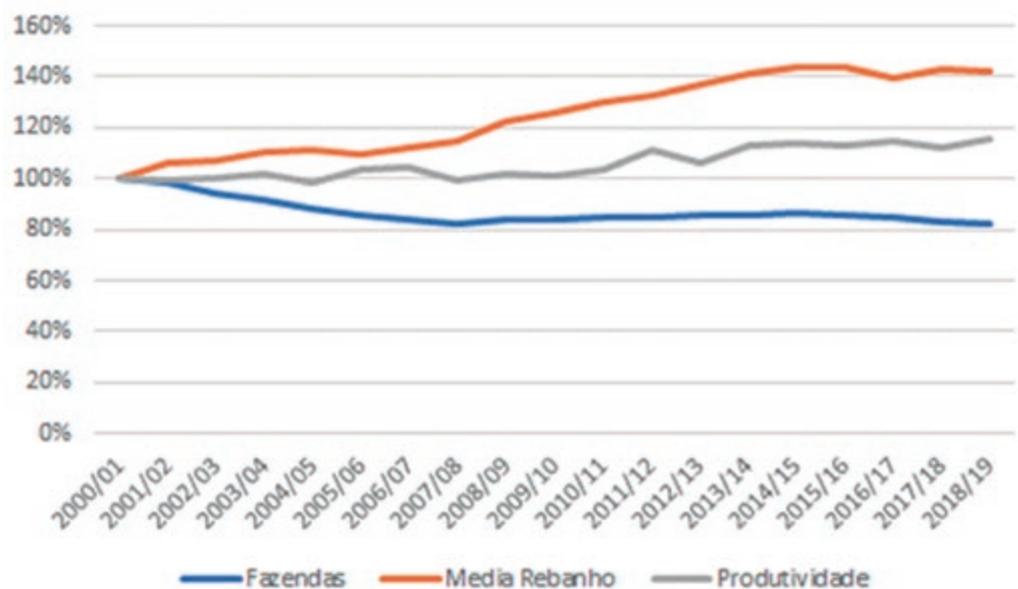
Indústrias captam leite com elevado índice de sólidos, o que faz da Nova Zelândia um país competitivo do mercado internacional de lácteos

Foto: Arquivo BB

Quando menos é mais

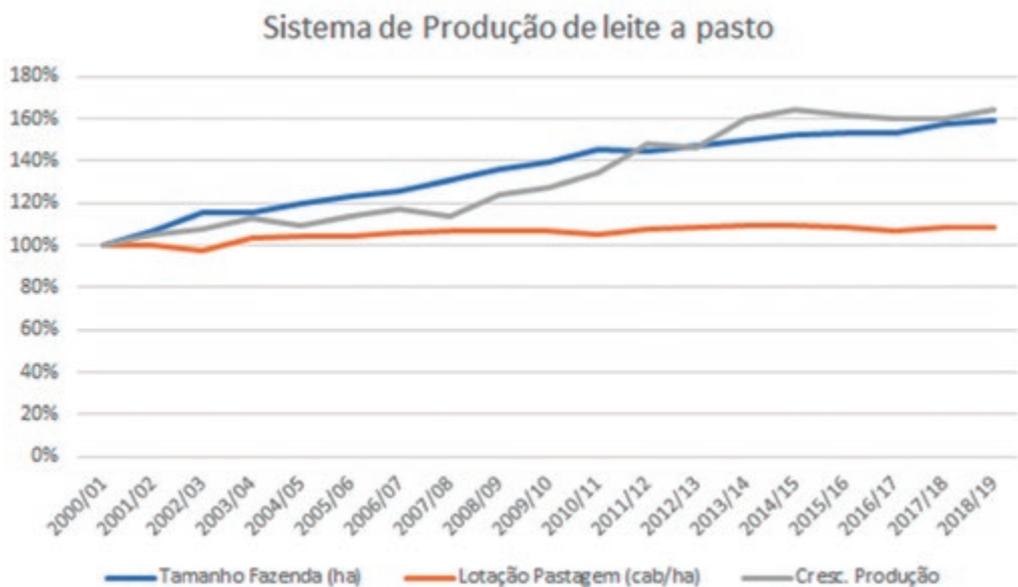
De 2000 a 2019, houve redução de 18% no número de propriedades leiteiras na Nova Zelândia, saindo de 13.892 fazendas, em 2000, para 11.372, em 2019. Tais números confirmam a mesma tendência que já havia marcado a pecuária leiteira norte-americana no período: menos fazenda, porém cada vez maiores e mais produtivas. Os sistemas neozelandeses de produção de leite ganharam escala, com crescimento de 73% do tamanho médio dos rebanhos, passando de 251 vacas para 435 em duas décadas. O reflexo se deu na produção: em 2000, o país produziu 12,9 bilhões de litros de leite e, em 2019, chegou a 21,2 bilhões, aumento de 64%.

FIGURA 1 - VARIAÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE FAZENDAS, REBANHO MÉDIO E PRODUTIVIDADE (2000/01 = 100)



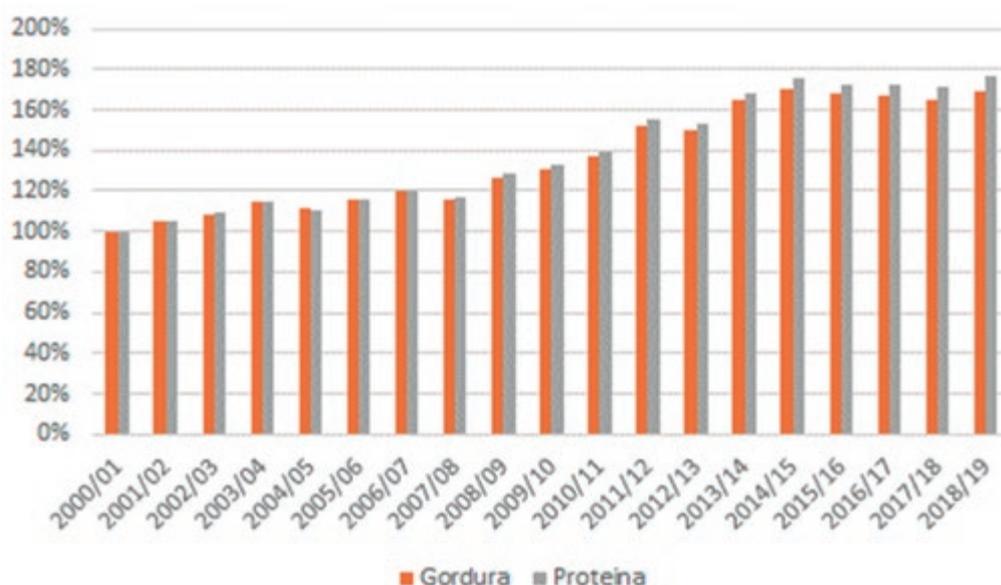
Fonte: New Zealand Dairy Statistics – 2018 - 2019 (www.dairynz.co.nz/dairystatistics), dados trabalhados pelos autores

FIGURA 2 - VARIAÇÃO PERCENTUAL DO TAMANHO DAS PROPRIEDADES, LOTAÇÃO DAS PASTAGENS E CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO (2000/01 = 100)



Fonte: New Zealand Dairy Statistics – 2018 - 2019 (www.dairynz.co.nz/dairystatistics), dados trabalhados pelos autores

FIGURA 3 - VARIAÇÃO PERCENTUAL DA PRODUÇÃO DE PROTEÍNA E GORDURA (2000/01 = 100)



Fonte: New Zealand Dairy Statistics – 2018 - 2019 (www.dairynz.co.nz/dairystatistics), dados trabalhados pelos autores

SISTEMA DE PRODUÇÃO PRÓXIMO DE SUA CAPACIDADE DE SUPORTE

O sistema de produção de leite neozelandês tem como base o pastejo intensivo suplementado. Por conta dessa estrutura, busca-se melhorar as condições de pastejo e obter aumento nas taxas de lotação. Em 2000, a capacidade era de 2,62 cabeças/ha; em 2019, chegou a 2,84: aumento de 8%. Esse ganho relativo indica que o sistema atual pode estar próximo de sua capacidade de suporte, considerando a tecnologia disponível. Talvez isso ajude a explicar o movimento de crescimento do tamanho das propriedades, que tinham áreas médias de 96 há, em 2000, e de 153 há, em 2019: incremento de 59% (figura 2).

Para uma indústria voltada para o comércio de produtos lácteos, a obtenção de volumes de sólidos é de extrema relevância para garantir competitividade, considerando a correlação positiva entre quantidade de sólidos no leite e rendimento industrial de derivados lácteos. Dessa forma, não é demais afirmar que a Nova Zelândia concentra esforços no aumento constante dos índices de proteína e gordura no leite produzido.

No período estudado obteve-se aumento de 72% na produção de sólidos, saindo de 1,096 bilhão de kg (2000) para 1,884 bilhão de kg (2019). O aumento da produção de sólidos não veio somente

do aumento da produção de leite, mas também do aumento da produção de proteína e gordura por unidade de leite produzido. Uma das variáveis explicativas desse aumento é o manejo reprodutivo do rebanho por meio do melhoramento genético advindo do cruzamento de Holandês x Jersey, gerando rebanhos Jersolando, que possuem mais capacidade de produção de sólidos.

A produção de gordura do leite no período estudado cresceu 69%, passando de 620 milhões de kg (2000) para 1.056 de kg (2019). No caso da produção de proteína não foi diferente. Obteve-se 470 milhões de kg (2000) e 828 milhões de kg (2019), correspondendo a incremento de 76%. Tendo em vista que a produção de gordura e a de proteína foram superiores ao aumento da produção de leite, constata-se que houve aumento da fração proteína e gordura na composição do leite na Nova Zelândia.

A prova desta evolução está nos números indicados no período de 20 anos. O leite produzido em 2000 possuía, em média, 4,84% de gordura e 3,64% de proteína, enquanto, em 2019, 4,98% e 3,90%, respectivamente. Esse aumento representa incremento positivo de 2,89% de gordura e expressivos 7,14% de proteína. A constante evolução da produção de sólidos é um dos fatores preponderantes na capacidade da Nova Zelândia de competir no acirrado mercado lácteo mundial (figura 3).